



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

---

**Dossiê: Paisagem: entre teoria e boas práticas na América Latina**

V 12 | n 22 | jan-jun 2023

---

## “Andar com uma câmera na mão”: uma maneira de ler a paisagem

Artur Hugo da Rosa

---



**Edição eletrônica**

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (ufsc.br))

ISSN: 2558 - 2448

**Organização**

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

**Referência Bibliográfica**

ROSA, Artur Hugo da. “Andar com uma câmera na mão”: uma maneira de ler a paisagem. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 12, n. 22, p. 199-218, jan-jun 2023. Semestral.

---

© NAUI

# **“Andar com uma câmera na mão”: uma maneira de ler a paisagem**

**Artur Hugo da Rosa <sup>1</sup>**

## Resumo

O ensaio traz resultados de duas caminhadas fotográficas realizadas na Praia da Tapera, em Florianópolis/SC. O objetivo é refletir sobre o ato de andar e fotografar como forma de apreensão da paisagem, bem como no reconhecimento do território em estudo. As imagens escolhidas buscam, além de apreender concretamente o espaço físico, também capturar e narrar o simbólico presente no lugar, registrando as materialidades e imaterialidades que compõem a paisagem.

Palavras-chave: fotografia; andar; paisagem; lugar.

## Abstract

The essay brings the results of two photographic walks carried out at Praia da Tapera, in Florianópolis/SC. The objective is to reflect on the act of walking and photographing as a way of apprehending the landscape, as well as recognizing the territory under study. The chosen images seek, in addition to concretely apprehending the physical space, also to capture and narrate the symbolic present in the place, recording the materialities and immaterialities that make up the landscape.

Keywords: photography; to walk; landscape; place.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista. Mestrando no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Pós/ARQ). E-mail: arturhugodarosa@gmail.com

## Introdução

O andar é abordado por Michèle Jolé (2005), em seu texto *Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano*. Para a autora, o andar é um método de pesquisa. Ela traz alguns exemplos em seu texto, como o “o andar coletivo”, “à deriva”, “os sociólogos ambulantes” e “os urbanistas que andam com os habitantes”. Outros autores escreveram sobre o andar. Walter Benjamin utiliza da caminhada como um elemento de percepção, traduzido no *flâneur* de Baudelaire e sua caminhada errante, observadora e sem compromisso. Já para Michel de Certeau (2014), o caminhante “transforma em outra coisa cada significante espacial”, encarando o andar como forma de percepção oposta à visão de pássaro, a cidade-panorama, adotada por urbanistas. Para os situacionistas, a teoria da deriva se constituía em uma caminhada coletiva sem objetivos, deixando-se levar pelas vontades sugeridas pela cidade e seus encontros.

Vou me deter a explicar um pouco mais sobre os casos “sociólogos ambulantes” e “os urbanistas que andam com os habitantes”. No caso dos “sociólogos ambulantes”, o ato de andar se transforma em uma observação de campo. Andar é um exercício de percepção. “A caminhada se torna o meio de enunciação da fala sobre o lugar percorrido e estudado” (JOLÉ, 2005, p. 426). Por meio dessa abordagem, associada também a uma observação repetida, direta e presencial, é possível apreender as formas de organização do espaço, os fazeres e as práticas socioespaciais. No caso dos “urbanistas que andam com os habitantes”, ao invés de uma observação de campo, a percepção do lugar é traduzida na forma de diagnóstico urbano. O urbanista lê o lugar para propor “um momento de troca, de mobilização coletiva, para descrever, ao mesmo tempo, o espaço referido, fazer proposições ou ao menos reagir às proposições em curso” (JOLÉ, 2005, p. 428). Em ambos os casos, o andar é acompanhado de câmera fotográfica, utilizada como recurso de observação, memória (JOLÉ, 2005).

O pesquisador-fotógrafo se torna um *flâneur* que registra suas impressões. A câmera fotográfica é uma potente ferramenta de pesquisa, que contribui para um aprofundamento da percepção de maneira poética, ultrapassando os limites do registrar e documentar como num relatório ou exame. Nos estudos urbanos, o uso desta ferramenta é solicitado para ilustrar situações da vida e da paisagem urbana. Através dela, se podem analisar, posteriormente, situações urbanas complexas (GEHL; SVARRE, 2018). A câmera fotográfica também pode ser um elemento integrador entre o pesquisador e a paisagem. As imagens feitas se transformam em testemunho, tornando-se fonte de conhecimento em futuras análises, como também registros

eternos de situações e tempos do lugar. Dessa forma, a paisagem é apreendida pelo pesquisador-fotógrafo tanto pelo que se vê quanto pela imagem que se faz. (ECKERT; ROCHA, 2003). Essa paisagem, nos termos de Ingold, explicada por André Bailão (2016), não indica um mundo externo e acabado, independente dos seres que o habitam, tampouco imagens ou ideias sobre ele. Vivendo nas paisagens, nós as produzimos, tanto quanto somos produzidos por elas, por meio de processos materiais e cotidianos” (BAILÃO, 2016, p. 1).

Este ensaio não pretende ser uma descrição metodológica. O “andar com uma câmera na mão” é uma caminhada fotográfica com um olhar direcionado para o tema em estudo. Foi a maneira que encontrei de poder reconhecer o local de pesquisa. Dessa forma, apresento duas saídas fotográficas acompanhadas dos diários de campo, com reflexões acerca do lugar. As caminhadas fotográficas apresentadas aqui foram realizadas em novembro de 2021, na Praia da Tapera, no bairro periférico Tapera da Base, localizado no sul da ilha, em Florianópolis/SC. O objetivo é compreender como a prática do andar e fotografar auxilia na assimilação e compreensão da paisagem, bem como no reconhecimento do território. As imagens escolhidas buscam, além de apreender concretamente o espaço físico, também capturar e narrar o simbólico presente no lugar, registrando as materialidades e imaterialidades que compõem a paisagem.

## **Caminhada 1**

A primeira caminhada descrita aqui foi feita no dia 2 de novembro de 2021. É uma terça-feira, final de tarde, por volta das 16h30. A Praia da Tapera se encontra bastante movimentada. Esse movimento indica o início da temporada. As pessoas disputam um lugar na orla com carros estacionados pela Rua da Praia. Segundo Jane Jacobs (2014):

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas - a parte das ruas que cabe aos pedestres - servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades. (JACOBS, 2014, p. 29).

A Rua da Praia, como palco de sociabilidades, se configura de maneira distinta às classificações citadas por Jacobs. Não só as calçadas, mas a rua é o espaço dos pedestres. Os moradores da Tapera têm costume de andar no meio da via, local destinado, em tese, para os

veículos. E as calçadas, em tese destinadas aos pedestres, são locais de estacionamento para os carros. Tais costumes demonstram variações na hierarquia de usos e limites. Revelam também, principalmente, a apropriação do espaço da rua, destacando o uso das ruas para o andar.

Figura 1 – A rua movimentada.



Fonte: acervo do autor, 2021.

O início da temporada de verão também marca a presença da carrocinha de caldo de cana na Rua da Praia. O caldo de cana com pastel é uma refeição tipicamente encontrada nas feiras de rua da cidade de Florianópolis. Na Tapera, o carrinho do caldo se apropria do espaço público, ocupando parte do passeio. O consumo é feito no local, em cadeiras de praia colocadas na calçada, em pé ou até mesmo sentando no meio-fio. A calçada, como passagem de pedestres e estacionamento para os carros, é, neste momento, transformada em um espaço de permanência para consumo, as cadeiras colocadas estrategicamente na sombra, visando ao conforto do consumidor.

Figura 2 – O caldo de cana na calçada.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 3 – O uso das calçadas como permanência.

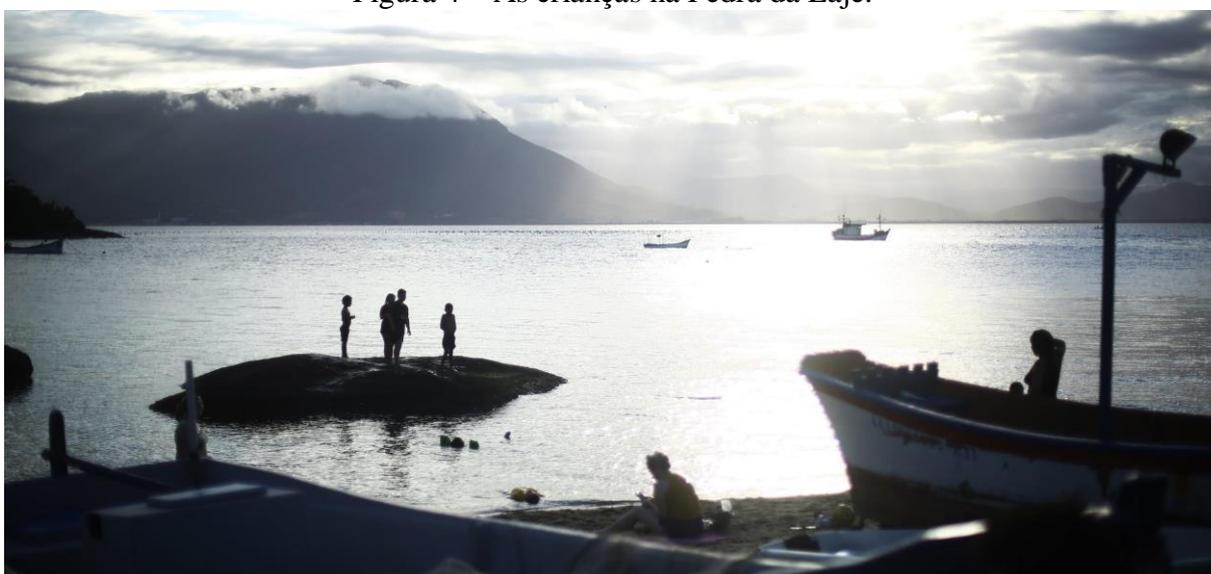


Fonte: acervo do autor, 2021.

Jacobs (2014) defende que a calçada deve ser usada ininterruptamente, pois aumenta a diversidade da rua e os olhos atentos para a manutenção da segurança do espaço público. No caso da Tapera, as pessoas não sentem falta da calçada como passagem, pois essa necessidade é suprida ao andar no meio da via, como mencionado anteriormente. A refeição é acompanhada de conversas e encontros entre amigos e vizinhos, que olham atentamente o movimento da rua, como um cinema da vida cotidiana, do qual eles próprios fazem parte.

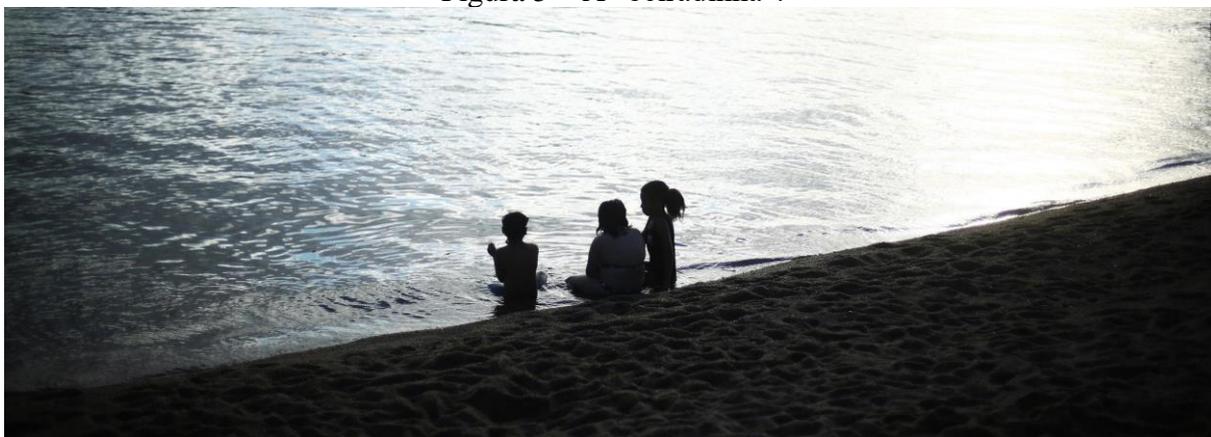
A praia estava cheia. Muitos banhistas e crianças brincando na pedra, denominada pelos nativos como “pedra da laje”. Outro espaço de permanência na praia é a “beiradinha”. A “beiradinha”, ou beira do mar, é o espaço da borda d’água, até onde o mar vem e volta. Onde se molham somente os pés. Esse espaço de banho pode ser também de estar. Os moradores da Tapera colocam cadeiras de praia, molhando os pés enquanto contemplam a paisagem ou leem. As crianças brincam na beirada de diversas formas, como de correr, com pranchas e brinquedos. Além disso, há pessoas lendo, meditando, pais com bebês e cachorros.

Figura 4 – As crianças na Pedra da Laje.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 5 – A “beiradinha”.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Os barcos, presentes na areia, além de evidenciar a atividade pesqueira no lugar, cumprem outras funções. Estas embarcações servem como um apoio das atividades cotidianas na praia, seja como suporte para uma caixa de isopor, para sentar, proteger-se do sol ou ganhar privacidade. Este lugar, próximo aos barcos, proporciona momentos de sociabilidade entre amigos, com rodas de conversa, cervejas e música. Há uma negociação nesse espaço da praia. Aqueles que moram em frente ao local reclamam. Há pedidos por parte da prefeitura que notifiquem e retirem os barcos e redes da praia. Estes barcos são de pescadores que já tiveram ranchos de pesca, mas venderam. Essa questão também reflete uma reminiscência do passado, neste mesmo local existiam ranchos de pesca. Sinais da acumulação histórica do lugar, onde o espaço guarda fragmentos temporais do que foi e ainda reverbera na paisagem (SANTOS, 2012).

Figura 6 – A reunião em meio às embarcações.



Fonte: acervo do autor, 2021.

O final da rua da praia é conformado por um *cul-de-sac*. Neste local, onde há estacionamentos, é comum o encontro da “rapaziada” de carro, eles param ali para conversar, escutar som automotivo, beber e fumar. Essa reunião é comum e acontece no final da rua, onde o movimento cessa. Pelo motivo de os carros chegarem até o *cul-de-sac*, a faixa de areia neste local fica mais segura para as famílias com crianças, proporcionando uma brincadeira mais exploratória do lugar, sem a preocupação “do carro”. O uso pelas famílias se dá a partir de mesas e cadeiras plásticas, bebidas e churrascos embaixo da sombra das amendoeiras, sempre vigiando suas crianças a brincar.

Figura 7 – As famílias e o terreno baldio.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 8 – A “rapaziada” do som automotivo.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Do outro lado, depois de um terreno baldio, fica o Marolas Bar. Na sequência, os ranchos de pesca do Rio da Era. Caminhando para este lado da praia, vai ficando claro a mudança de caráter. O caminho passa por um parquinho, o lugar das crianças, chegando ao Marolas Bar, lugar dos adultos. A arquitetura do bar lembra um rancho, onde a praia invade o interior, pé na areia e vista para o mar. O bar cria a transição de ambientes entre o espaço de

lazer para o espaço do trabalho<sup>2</sup>, representado pela pesca. O Marolas Bar contrasta com os jovens escutando funk em seus carros e bebendo uísque com energético. No lugar disso, é cerveja, *rock'n'roll* e uma decoração feita com lanternas de ostra e peixes desenhados em seu interior. Ali no Marolas Bar, minha caminhada fotográfica finaliza.

Figura 9 – Marolas Bar.



Fonte: acervo do autor, 2021.

<sup>2</sup> Importante frisar que os ranchos de pesca não são, estritamente, destinados ao trabalho, seu uso também proporciona momentos de lazer e encontros entre os pescadores, amigos e familiares, criando uma rede de sociabilidades importante para a organização social do lugar.

## Caminhada 2

A segunda caminhada descrita aqui foi feita no dia 15 de novembro de 2021. É uma manhã de segunda-feira, por volta das 10h30. Em novembro, o clima de verão começa a aparecer. Saio para caminhar e faço os primeiros registros da casa, talvez a mais antiga do bairro, onde viveu a família de Peralta, conhecido como José Rodrigues Villamil, considerado pela história oral o primeiro habitante da Tapera. Com traços coloniais, preserva pouco de sua forma original, já tendo alterado suas aberturas, telhados e cômodos. Ainda guarda muito de sua singeleza, porém. Hoje, em seu quintal, funciona a Hamburgueria Pão Mané, gerida pelo bisneto de Peralta.

Figura 10 – A antiga casa da família de Peralta.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Nesta caminhada, tive como foco registrar as recorrências, aquilo que se repete e deixa o cotidiano familiar. O movimento matinal na Rua da Praia é marcado por idosos caminhando, simbolizando uma das paisagens conhecidas por quem frequenta a praia. O mar calmo, os barcos no mar e os ranchos ficam à espera do pescador. Nesta época do ano, o pescador divide o mar com os banhistas. O canto da praia, antes de chegar aos Ranchos da Bica, é um dos lugares de permanência, possui sombras e pedras que servem de banco, criando um espaço de estar. Neste mesmo local, em meio às pedras, fica um pequeno altar para santos e orixás.

Figura 11 – O canto esquerdo da praia.



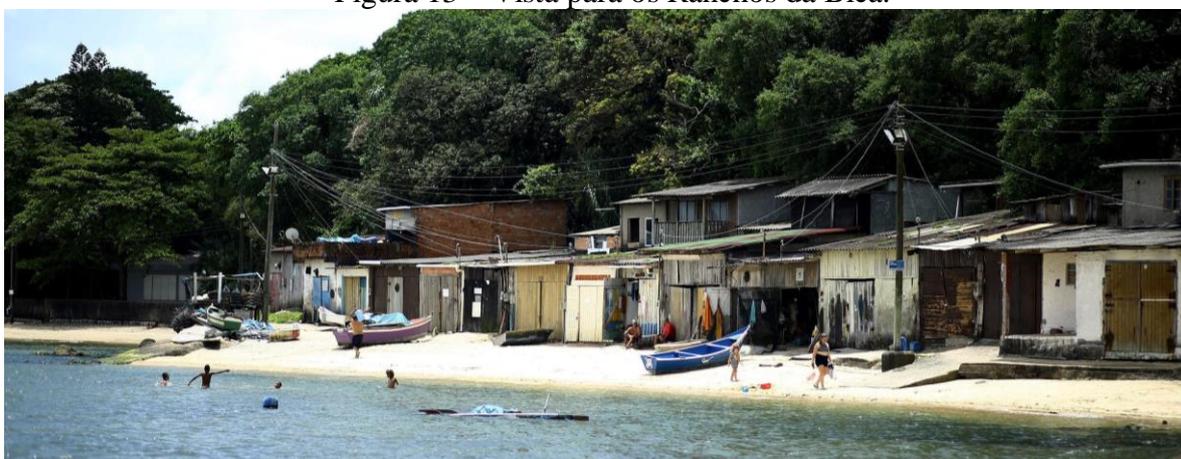
Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 12 – Vista para a orla.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 13 – Vista para os Ranchos da Bica.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 14 – O bote Taperinha.

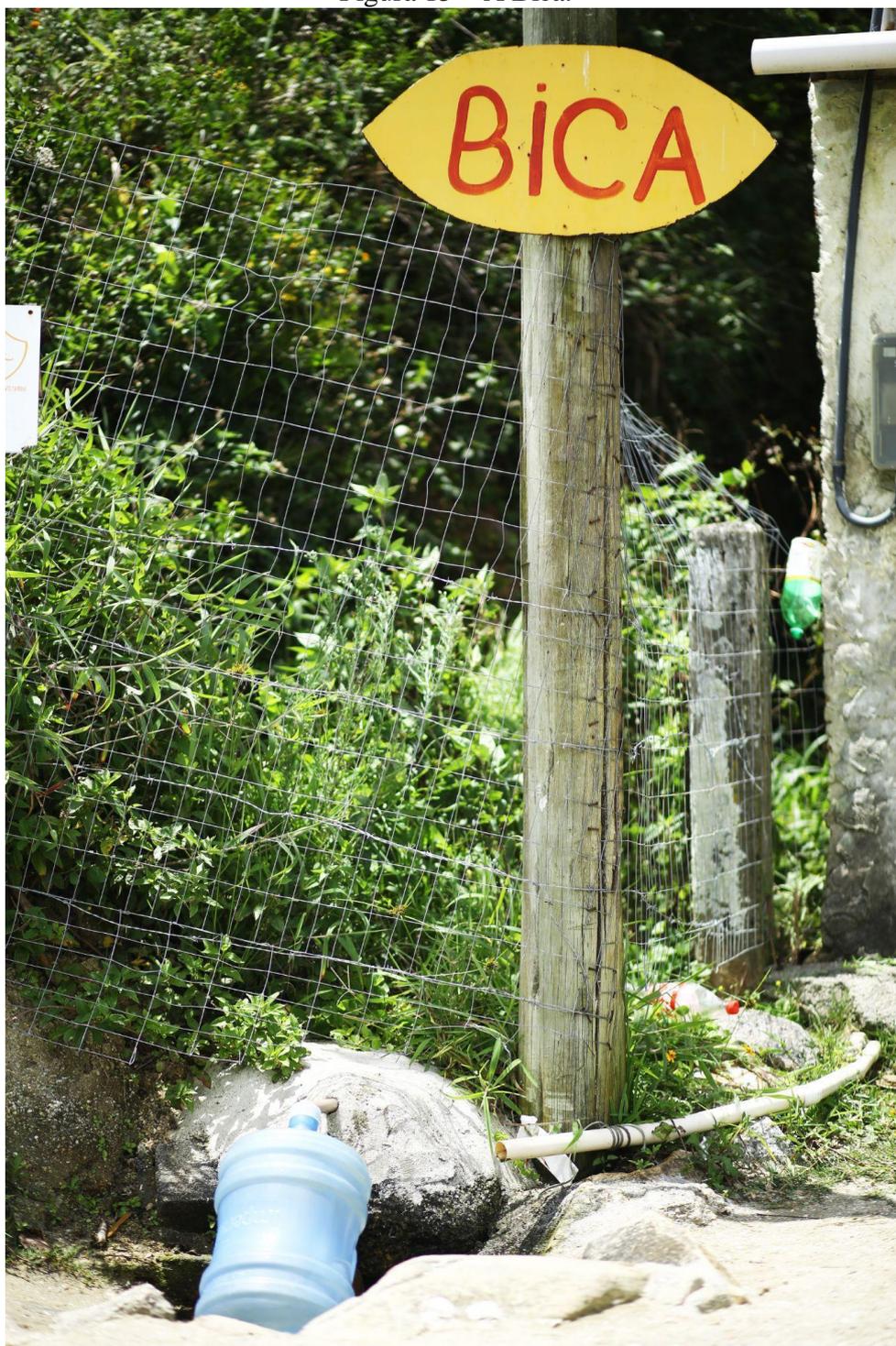


Fonte: acervo do autor, 2021.

Vou até a Bica D'Água. Lá, um senhor enche uma bombona de vinte litros. Vinte litros, com baixa vazão de água, custa tempo e cria fila. Na Bica, a fila é respeitada, a não ser que alguém queira beber água, neste caso, retira-se a garrafa e dá-se a vez. A fila se forma em direção aos ranchos, devido à sombra. As pessoas se escoram na porta do rancho e iniciam-se as conversas, compram peixes dos ranchos ao lado, escutam músicas e até calculam a vazão da bica. Há também aqueles que são mais chegados aos pescadores, deixam suas garrafas enchendo e saem para conversar. Voltam quando a garrafa está cheia. Mesmo com a espera, alguns usuários da bica dizem ser melhor do que comprar água no mercado. Além da sociabilidade, a bica proporciona uma relação mais próxima com a natureza e o passado da

Tapera, marcado pela presença da água, tanto no uso do mar através da pesca, como nos poços onde se buscavam água e lavavam roupas, conforme contam os moradores mais antigos do bairro.

Figura 15 – A Bica.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 16 – O uso da Bica.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 17 – O uso da Bica.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Sigo o caminho pelos Ranchos da Bica, buscando ângulos diferentes da paisagem da praia. No local, embaixo de uma amendoeira e entre as pedras, uma família se reúne em volta de uma churrasqueira improvisada, posicionada no chão, feita de pedras e protegida do vento

com telhas de fibrocimento. Cadeiras de praia, garrafas, cervejas, toalhas e carvão. Na churrasqueira: linguixas, pão de alho e cebolas. O espaço público se torna uma cozinha.

Figura 18 – O churrasco na praia, Ranchos da Bica.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 19 – O churrasco e as crianças.



Fonte: acervo do autor, 2021.

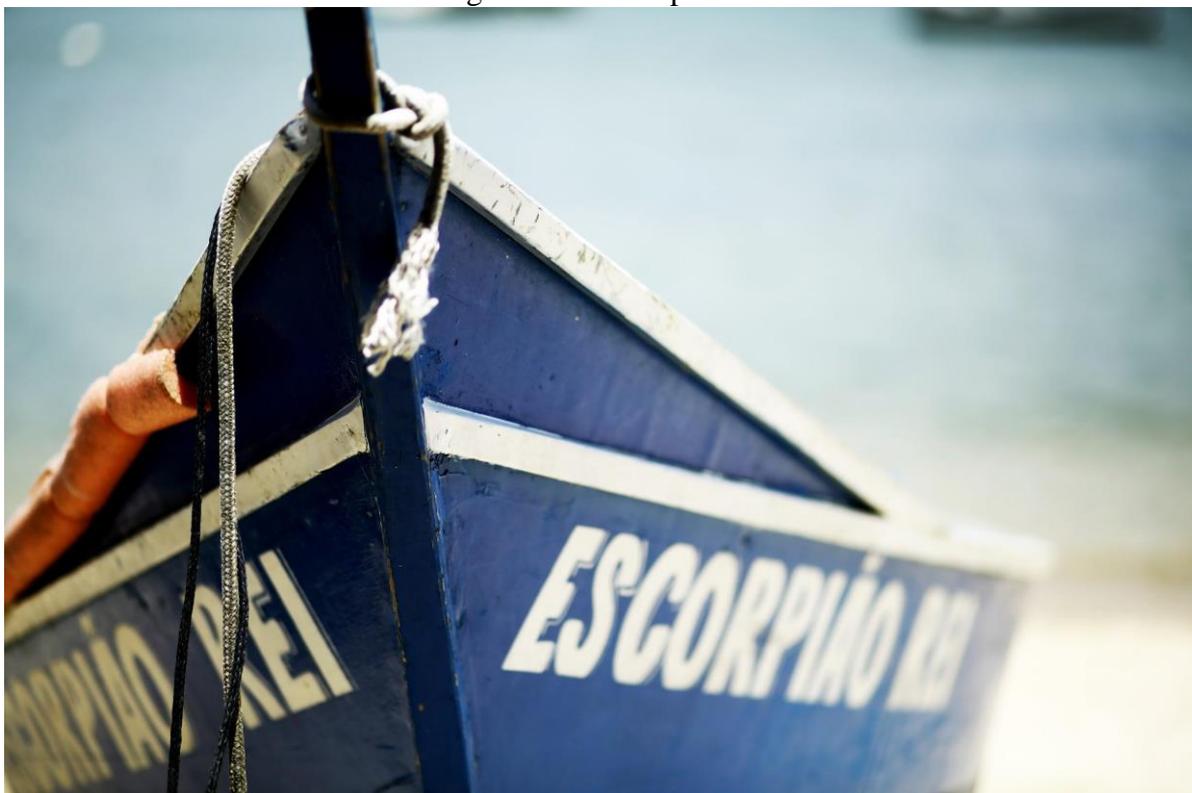
Da paisagem ao detalhe, percebo as materialidades dos ranchos de pesca. Âncoras enferrujadas, redes de pesca penduradas em portas, imagens de Nossa Senhora Aparecida e barcos com diversos nomes, como Escorpião Rei, Júlia e Taperinha. Entre os barcos e o churrasco, as crianças brincam no mar e um senhor carrega nas costas sua bombona, agora completamente cheia. O churrasco continua, as crianças brincam e os cachorros correm atrás das crianças. Finalizo minha caminhada fotográfica voltando para casa.

Figura 20 – A âncora.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 21 – Escorpião Rei.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 22 – Júlia.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 23 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida na fachada de um rancho de pesca.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Figura 24 – Rede de pesca.



Fonte: acervo do autor, 2021.

## Considerações finais

A leitura da paisagem pela fotografia nasce de um olhar atento, mediado pelas lentes, incluindo também as nossas lentes internas, como formação, ideologias etc. De forma subjetiva, o que vimos e registramos passa primeiro pela nossa atenção e depois pela nossa interpretação. A fotografia consegue ler a paisagem, porque tanto a foto como a paisagem são enquadramentos, escolhas e delimitações do olhar sobre aquilo que nos chamou a atenção. Simmel (2009) define como paisagem as unidades particulares da natureza, organizadas mediante um olhar humano, um olhar que enquadra. “Mas, para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro” (SIMMEL, 2009, p. 6). Entre o movimento e a pausa, planos abertos e fechados, o pesquisador-fotógrafo assimila conversas entre a parte e o todo, o detalhe e a paisagem, ambos pertencentes a uma mesma natureza.

Para Michel de Certeau (2014, p. 170) “caminhar é ter a falta de lugar. Um processo indefinido de estar ausente e à procura de um lugar próprio”. O pesquisador-fotógrafo, ao caminhar e explorar, se desvincula de seu próprio lugar para procurar o lugar próprio das coisas que vê, criando uma leitura particular da paisagem. As caminhadas fotográficas na Praia da Tapera revelaram uma complexidade de usos e atividades do lugar, mostrando conflitos, sentidos de pertencimento e identidade, além de uma maneira própria de se apropriar dos espaços públicos. A leitura das imagens proporcionou também uma compreensão sobre a construção de lugar enquanto acúmulos de tempos, a paisagem como acumulação viva e mutável de tempos que, incessantemente, acompanha as transformações da sociedade (SANTOS, 2012).

## Referências

- BAILÃO, André. 2016. **"Paisagem - Tim Ingold"**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>.
- DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana**. In: Revista Iluminuras, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003.
- GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade: como estudar**. São Paulo: Perspectiva. 184 p., 2018.
- JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. 3a ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 296 p., 2014.
- JOLÉ, Michèle. **Reconsiderações sobre o "andar" na observação e compreensão do espaço urbano**. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 45, p. 423-429, set-dez, 2005.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 96 p, 2012.
- SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Covilhã: Lusosofia Press, 2009.

Recebido em 25 de agosto de 2022 | Aceito em 09 de março de 2023



Esta obra está licenciada  
conforme Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional